

MODOS DE SUBJETIVAÇÃO DISCENTE NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS (PPGECI)

Aline da Rosa Kroth¹, Alice Stephanie Tapia Sartori²

Resumo

Este estudo apresenta resultados parciais de uma pesquisa de mestrado que objetiva apontar e problematizar as subjetividades e modos de subjetivação discente no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências - PPgECi da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A partir da análise do discurso na perspectiva foucaultiana, foram analisados enunciados que emergiram das entrevistas realizadas com quatro discentes do Programa. Busca-se problematizar as linhas saber-poder que atravessam as discentes; identificar quais as técnicas, entendidas como linhas de fuga e tecnologias do eu, são acionadas para lidar com o que as aperta dentro do programa; e identificar que modos de subjetivação discente emergem do embate entre as forças. Tais conceitos são discutidos a partir das teorizações dos filósofos Michel Foucault e Gilles Deleuze, bem como de seus comentadores. São apontadas algumas linhas de segmentaridade: duras, flexíveis e linhas de fuga. As linhas duras remetem aos regulamentos e normas que permeiam o campo do saber e produzem comportamentos; as linhas flexíveis aparecem como reajustes que as discentes fazem diariamente para lidar com o que as aperta; e as linhas de fuga são os novos modos de existir e vivenciar a pós-graduação. As linhas de força que atravessam a pós-graduação geram tensões como as relacionadas a uma racionalidade produtiva, ao sistema burocrático, às pressões de gênero. Conclui-se que tais linhas não apenas estruturam práticas na pesquisa, mas também abrem possibilidades para pensar formas de subjetivação na pós-graduação.

Palavras-chave: Modos de subjetivação discente; Pós-graduação; Linhas de força; Análise do discurso foucaultiana.

STUDENT MODES OF SUBJECTIVATION IN THE GRADUATE PROGRAM IN SCIENCE EDUCATION (PPGECI)

Abstract

This study presents partial results from a master's research project that aims to identify and problematize student subjectivities and modes of subjectivation

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: 4alinekroth@gmail.com.

² Doutora em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Campus Litoral, Tramandaí, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: alice.stephanie.ts@gmail.com.



within the Graduate Program in Science Education at the Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Drawing on discourse analysis from a Foucauldian perspective, the research examined statements that emerged from interviews conducted with four students in the program. The study seeks to problematize the lines of knowledge–power that traverse these students; identify the techniques, understood as lines of flight and technologies of the self, mobilized to cope with what constrains them in the program; and analyze the modes of subjectivation that arise from the encounter between these forces. The theoretical discussion is informed by the works of Michel Foucault and Gilles Deleuze, as well as by their commentators. The article identifies lines of segmentarity: rigid, flexible, and lines of flight. Rigid lines refer to regulations and norms that frame student behavior; flexible lines correspond to everyday adjustments used to manage pressures within the program; and lines of flight open possibilities for new ways of existing and experiencing graduate education. The lines of force traversing graduate studies generate tensions related to productive rationality, bureaucratic structures, and gendered pressures. The study concludes that these lines not only structure research practices but also open pathways for rethinking forms of subjectivation in graduate education.

Keywords: Student modes of subjectivation; Graduate education; Lines of force; Foucauldian discourse analysis.

MODOS DE SUBJETIVACIÓN ESTUDIANTIL EN EL PROGRAMA DE POSGRADO EN EDUCACIÓN EN CIENCIAS (PPGECI)

Resumen

Este estudio presenta resultados parciales de una investigación de maestría cuyo objetivo es señalar y problematizar las subjetividades y los modos de subjetivación estudiantil en el Programa de Posgrado en Educación en Ciencias de la Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Desde un enfoque de análisis del discurso en perspectiva foucaultiana, se examinaron los enunciados que emergieron de entrevistas realizadas con cuatro estudiantes del programa. El estudio busca problematizar las líneas de saber-poder que atraviesan a las estudiantes; identificar las técnicas, comprendidas como líneas de fuga y tecnologías de sí, que movilizan para afrontar lo que las constriñe dentro del programa; y analizar los modos de subjetivación que surgen del encuentro entre dichas fuerzas. La discusión teórica se fundamenta en los aportes de Michel Foucault y Gilles Deleuze, así como en los de sus comentaristas. El artículo identifica líneas de segmentariedad: duras, flexibles y líneas de fuga. Las líneas duras remiten a regulaciones y normas que encuadran el comportamiento estudiantil; las líneas flexibles corresponden a reajustes cotidianos para gestionar las presiones internas; y las líneas de fuga abren posibilidades para nuevos modos de existir y experimentar los estudios de posgrado. Las líneas de



fuerza que atraviesan el posgrado generan tensiones vinculadas a la racionalidad productiva, a las estructuras burocráticas y a presiones de género. Se concluye que dichas líneas no solo estructuran prácticas de investigación, sino que también abren posibilidades para pensar formas de subjetivación en el posgrado.

Palabras clave: Modos de subjetivación estudiantil; Posgrado; Líneas de fuerza; Análisis del discurso foucaultiano.

1. Introdução

Nos estudos acadêmicos, observa-se uma ampla produção de saberes voltada a analisar as linhas de força que atravessam os corpos docentes no contexto da escola básica. Contudo, no ensino superior as investigações ainda são tímidas, dada a atualidade e complexidade que envolvem esse locus; o mesmo ocorre na pós-graduação. Nesse sentido, a pesquisa de mestrado que motiva essa escrita tem como participantes quatro discentes inseridas no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (PPgECi) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), visto que este núcleo se conecta com uma multiplicidade de forças e linhas que moldam subjetividades e reverberam na formação de professores-pesquisadores, bem como no avanço científico e social na área de Educação em Ciências.

Inicialmente, o objetivo da pesquisa era investigar o adoecimento discente, fenômeno frequentemente associado aos estudantes da pós-graduação. Entretanto, outras questões emergiram e se tornam fundamentais na análise dos modos de subjetivação discente neste espaço, que podem, ou não, culminar nas questões do adoecimento. São forças que atravessam o corpo, modos de subjetivação de uma época, fluxos, afetos e sensações que produzem sujeitos pesquisadores. Tais problemáticas emergem a partir do referencial teórico adotado na dissertação em desenvolvimento, o qual busca abordar questões da psicologia a partir do olhar da filosofia, especialmente das teorizações de Michel Foucault e Gilles Deleuze, que serão discutidas neste artigo.

Assim, a problemática deste estudo é explicitada com as seguintes questões: Quais linhas de força atravessam as discentes do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências em seus processos de pesquisa? Quais técnicas os discentes utilizam para escapar da ordem e quais linhas de fuga encontram para lidar com o que as aperta dentro do programa? Quais modos de subjetivação discente emergem do embate entre as forças?

Para tanto, busca-se apontar e problematizar as subjetividades e modos de subjetivação discente no PPgECi. Como objetivos específicos, propõe-se: problematizar as linhas saber-poder que atravessam as discentes; identificar quais as técnicas, entendidas como linhas de fuga e tecnologias do eu, são



acionadas para lidar com o que as aperta dentro do programa; e identificar que modos de subjetivação discente emergem do embate entre as forças.

Neste artigo, buscamos apresentar parte dos resultados obtidos a partir das entrevistas semiestruturadas realizadas para a produção dos dados. A partir das narrativas das participantes, tornamos possível analisar os enunciados que emergem de suas falas e, mediante a categorização e análise dos discursos, compreender como esses enunciados constituem suas subjetividades e modos de expressão, considerando os contextos social, político, histórico e cultural em que são produzidos. Voltamo-nos, ainda, para a maneira como o cuidado de si pode ser pensado na prática das pesquisadoras e para as implicações dessa perspectiva nos modos de pesquisar em Educação em Ciências.

2. Referencial teórico

Para a construção do referencial teórico desta escrita, apontamos as contribuições dos filósofos Michel Foucault e Gilles Deleuze para o estudo. O primeiro filósofo tem sido muito utilizado na psicologia, principalmente como fundamentação teórica, pois uma de suas principais contribuições, “ao colocar em discussão a subjetividade como fruto de processos pelos quais nos constituímos como sujeitos, é possibilitar recusas ao que somos e abrir possibilidades de construção de outros processos de subjetivação” (Gomes *et al.*, 2019, p. 23).

Foucault (2006) apresenta uma perspectiva de modo de vida potente através do olhar para si que se dá na relação com o outro, olhar crítico, que procura outros modos de vida, que experimenta e inventa, antes de interpretar. Instigado a olhar para o sujeito e seus processos, Foucault faz uma genealogia desse sujeito moderno, onde busca evidenciar como este é produzido pelas instituições e estruturas de poder. Nessa fase, o filósofo busca analisar: quem fala? e de onde fala? Seu olhar está nas práticas e em como subjetividades são constituídas através do controle exercido pelas instituições acerca do sujeito.

Segundo Castro (2009), há os modos de subjetivação e modos de objetivação nesta perspectiva foucaultiana. Os modos de objetivação se referem ao sujeito quando se torna objeto de saber. Os modos de subjetivação remetem a ética, em que os modos de subjetivação são as práticas do sujeito direcionadas a si mesmo, ou práticas de si. Para o filósofo, a subjetividade, entendida como formas de agir, pensar e decidir, é moldada por elementos externos – poderes e saberes – que agem sobre o sujeito.

Entretanto, na ética do Cuidado de si, Foucault (2006) busca analisar de que maneira esse sujeito também se edifica em sujeito ético a partir da relação que estabelece consigo mesmo. Para o autor, é a partir do olhar para si, para seus processos internos, sentimentos, atravessamentos e da prática da autorreflexão que o sujeito se faz potente, criativo e ético.

Nessa perspectiva, entende-se o sujeito como produto do encontro, de atravessamentos. Assim, em sua última fase, Foucault (2006) desloca seu olhar para como o sujeito age sobre ele mesmo, qual seu papel na própria formação da sua interioridade, subjetividade, como este, se constitui um sujeito ético, ou seja, capaz de agir e tomar decisões.

Aliado a isso, outro ponto da análise que destacamos é a articulação das falas das entrevistadas com o conceito de cuidado de si para Foucault, e o que podemos entender como culturas de si na contemporaneidade. Para ele: "Ocupar-se consigo não é, pois, uma simples preparação momentânea para a vida; é uma forma de vida" (Foucault, 2006, p. 446).

Foucault busca compreender quais as técnicas de si - que chamaremos de culturas de si - e como são utilizadas pelo sujeito para se relacionar de forma ética consigo mesmo, logo, questiona-se: Como eu mudo de ideia? Quando eu olho para mim, o que me afecta, me confunde, me faz reagir de maneira ou outra? Seu interesse está em como o sujeito se desassujeita.

Assim, "o cuidado de si, vai para além do cuidar do corpo, ele remete a inquietação" (Gallo, 2019, p. 6). Foucault entende o cuidado de si, como uma força interna e um ponto fundamental na constituição da subjetividade. É o trabalho de se colocar como centro da sua própria atenção, que envolve primeiramente, olhar para seus incômodos e lançar o desejo de resistir ao que afecta, aperta, e a partir disso, produzir "fissuras no pensamento" para tornar-se sujeito ético.

Nossos desconfortos, sejam eles físicos, emocionais, psicológicos, têm a incumbência de nos comunicar quais as nossas necessidades, e explorar esses sinais e desconfortos pode nos levar a maior compreensão sobre nós mesmos. Logo, a partir do conceito "técnicas de si" (Foucault, 2006) podemos dizer sobre o conjunto de tecnologias e experiências que se afirmam no processo de (auto)constituição e transformação das entrevistadas em sujeitas pesquisadoras.

Na mesma direção teórica, Gilles Deleuze discute como o sujeito é constituído de multiplicidades e o corpo é pensado como um campo de potência atravessado por afectos e pelos acontecimentos. Deleuze era contrário ao pensamento ocidental que produziu um sujeito ocupado de uma identidade, para o filósofo, essa perspectiva contrapõe seus pensamentos e é vista como uma convenção que anula a vida, que é conduzida por um processo de repetição e implica no impedimento do devir.

Indo contra a ideia de um eu pronto, o filósofo concebe o devir e os acontecimentos como linhas de força que nos atravessam, perpassam os corpos, afectam e afetam. Os afectos têm uma centralidade importante na subjetividade, vem da ordem da sensibilidade, somos afetados constantemente por pessoas, lugares, objetos, sensações, não podendo ser o afeto algo submetido a uma lógica e sim, a "passagem de um estado a outro, uma transição" (Barreiro; Carvalho; Furlan, 2018, p. 520).

A afecção, diferente de afeto é definida como: “uma relação imanente com o corpo, pois a afecção é o efeito de quaisquer corpos em relação ao nosso corpo” (Barreiro; Carvalho; Furlan, 2018, p. 526). Ou seja, enquanto o conceito afeto está relacionado aos sentimentos, afecção está diretamente ligado ao corpo, que no encontro produz intensidades e diferentes formas de sentir (afetos) aumentando ou diminuindo a capacidade criativa do sujeito de agir.

Nessa perspectiva, partimos de um olhar sobre o processo de subjetivação das pesquisadoras inseridas no PPgECi como uma experiência que vai além de uma formação intelectual, mas de afecção, potencializadora das sensações e do que pode o corpo. Quando Deleuze olha para a subjetividade, é com o entendimento de que esse processo está sempre em acontecimento coletivo, no encontro que também tem como influência alguns mecanismos que os filósofos chamam de máquinas. Para ele, o sujeito é Máquina desejante (Santos, 2021), o desejo é o que move e na relação com o outro produz realidades. Enquanto a psicanálise entende o desejo como falta, Deleuze o entende como aquilo que se constitui no acontecimento, nos fluxos e encontros.

Ao contrário da ideia de identidade, surge o pensamento da diferença. Para o filósofo, não há nada imutável no sujeito, somos constituídos por uma multiplicidade, atravessados pelo diferente e transformados por acontecimentos, mudanças, linhas de força. Sendo assim, tornar-se é um processo e não algo fixo, pronto, inalterável.

Foucault e Deleuze são conhecidos como filósofos da diferença, para eles, cada sujeito tem sua forma subjetiva de se expressar, relacionar e sentir, e só através dos encontros com outros corpos que o sujeito se constitui e se transforma. Para eles, os afetos têm uma centralidade importante na subjetividade, visto que diferente do olhar metafísico, não pode ser submetido a uma lógica, sendo o afeto da ordem da sensibilidade e compreendido como “passagem de um estado a outro, é uma transição” (Barreiro; Carvalho; Furlan, 2018, p.520).

A partir deste olhar que pensamos na produção de subjetividades um conjunto de linhas que perpassam e coexistem de forma múltipla no sujeito, e emergem dos encontros, logo podemos pensar como linhas que atravessam as discentes entrevistadas.

Entendemos o corpo como um espaço de atravessamentos de diversas forças. Olhar para as sensações que perpassam os corpos, provocadas pelos encontros, nos atualizam e fazem pensar sobre nossa própria existência, aumentando nossa potência ou diminuindo-a. Como menciona Guimarães (2016, p. 158) “somos todos constituídos por linhas [...] linhas de segmentaridade que podem ser moleculares, duras ou por linhas de fuga”.

De modo sucinto, as linhas de segmentaridade duras são compreendidas como classificações dicotômicas e inflexíveis que buscam promover controle sobre o sujeito para que este tenha comportamentos aceitos dentro de uma determinada sociedade e assim, se mantenha uma ordem, ou seja, são as linhas da normatização que promovem divisões.



As linhas de fuga, diferente das linhas duras/molares, são linhas que produzem deslocamentos, e a ruptura com estes sistemas uma vez que, o sujeito é submetido a imprevisibilidade. Entretanto, essa desterritorialização precisa de atenção, pois ao mesmo tempo que pode agir como força criativa, também pode levar o sujeito a cair em uma espécie de “buraco negro” onde se sujeita a outra estrutura (Cavalcante; Diego, 2020). Enquanto as linhas duras são entendidas pelos autores de sedentária pela sua inflexibilidade, as linhas de fuga são entendidas como linhas nômades; as linhas moleculares são flexíveis e não fixam/prendem em territórios:

Não se trata de acrescentar, na linha, um novo segmento aos segmentos precedentes (um terceiro sexo, uma terceira classe, uma terceira idade), mas de traçar uma outra linha no meio da linha segmentária, no meio dos segmentos, que os arrastará segundo as velocidades e lentidões variáveis num movimento de fuga ou de fluxos (Deleuze; Parnet, 1998, p. 106).

Assim, articulando os conceitos de subjetivação com os conceitos de linhas de Deleuze, foi possível identificar nos enunciados movimentos de resistências, tensões e transformações envolvidas no processo de tornar-se professora-pesquisadora e como as discentes se relacionam com as normatividades impostas nestes processos de produção da ciência.

3. Ferramentas metodológicas

Esse estudo, de cunho qualitativo, tem como base metodológica algumas ferramentas da análise do discurso foucaultiana, que visa investigar as dinâmicas discursivas que atravessam as falas das discentes e propor reflexões sobre como tais discursos ressoam e produzem efeitos em suas subjetividades. Entretanto, o objetivo deste estudo não se debruça em encontrar uma verdade, mas explorar novas possibilidades de construção de conhecimento acerca desta temática.

Tendo o discurso como centralidade, adotamos um olhar genealógico que nas teorizações de Foucault, se preocupa em buscar a compreensão acerca de como práticas e saberes emergem, como certos discursos são privilegiados e como o poder molda a maneira como as verdades são estabelecidas (Foucault, 1999). Para o filósofo, através dos discursos, o poder opera sobre os corpos e dessa maneira, modela a forma como o sujeito se torna sujeito ético, como compreende a si mesmo e como se relaciona com o mundo.

Partindo da perspectiva de que somos influenciados pelo contexto histórico e cultural em que estamos inseridos, e moldamos estes contextos, Foucault olha para o discurso como um fenômeno político, social e histórico capaz de moldar nossa forma de existir. Assim, a subjetividade para Foucault



emerge de duas forças, externas (poderes e práticas compartilhadas socialmente) e a interna se refere ao modo como o sujeito se relaciona consigo mesmo e age sobre si.

Para problematizar os discursos, atentamos ainda às conceituações de Foucault (2008) quando define discurso como:

Um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência (Foucault, 2008, p. 132).

Assim sendo, o discurso é formado por um conjunto de enunciados que se constitui dentro de uma mesma formação discursiva (discurso religioso, médico, educacional) e tece práticas, ou seja, são as instituições que definem e organizam a ordem do discurso, e nesse sentido, determinam o que é dito em determinado período histórico (Foucault, 2008). Nesse sentido, discurso para Foucault é entendido como um modo de existir, de construir verdades, saberes, articular ideias e enunciados, “e o enunciado é elemento estruturador das relações discursivas” (Silva, 2020, p. 18), é visível.

Ademais, as falas das discentes entrevistadas serão tomadas como enunciações que nos permitem formular enunciados, os quais analisaremos por meio do referencial teórico explicitado. Entende-se por enunciado, segundo Foucault (2008), um conjunto de enunciações, isso significa que um enunciado é mais do que dizer, ele é multiplicidade e acontecimento. Portanto, o enunciado é o que dá condição de possibilidade para dizer algo, que pode ou não fazer sentido dependendo de onde é dito. Já a enunciação é um momento em que esse enunciado é modificado e atualizado.

Assim, a pesquisa tem como materialidade enunciações, logo, a coleta de dados foi realizada por meio de entrevista individual com quatro alunas matriculadas no Programa, sendo duas do mestrado e duas do doutorado, com idades entre 25 e 40 anos, com formação acadêmica em áreas relacionadas à Educação em Ciências. Foram utilizados conceitos que se relacionam e representam parte da trajetória acadêmica de cada discente entrevistada para representá-las, respeitando assim, o anonimato. A seguir, são explicitadas as palavras que foram utilizadas para nomeá-las e um breve resumo sobre cada uma das discentes.

Criatividade: A criatividade se refere à capacidade de criar e expressar de forma autêntica e original, a própria marca no mundo. Esse conceito foi escolhido para representar a discente que está cursando terceiro semestre do doutorado, possui magistério e é formada em Licenciatura em Ciências

Biológicas. Ela deixa evidenciado em sua narrativa um desejo de deixar sua marca: “eu acredito muito no poder da educação e, quando eu dava aula, eu sentia que quando eu trabalhava em qualquer temática, principalmente a temática das mudanças climáticas, que eu plantava uma pontinha de curiosidade nos meus alunos era algo muito revolucionário”.

Transvaloração: Através de rompimentos de normas e convenções sociais, o conceito de transvaloração emerge para caracterizar a discente que está no terceiro semestre do mestrado, é bolsista e tem formação em Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza. Sua trajetória na pesquisa representa uma ruptura com expectativas sociais que se evidencia em uma de suas falas: “Um dos maiores desafios foi referente a escrita do referencial, até uma das colegas do programa questionou: Você está escolhendo um homem para usar como principal referencial teórico num trabalho que é totalmente voltado para mulheres, está com um orientador homem para um trabalho que é totalmente voltado para mulheres” e rebate: “Faltam mulheres, falta dar visibilidade para mulheres, falta de referencial feminino. Então, eu percebo que pelo menos eu não estou sozinha”.

Autossuperação: Entendida como uma capacidade de superar os próprios limites e ir além daquilo que acredita, escolhemos este conceito para falarmos da discente que durante a pesquisa, estava na semana pré-defesa do mestrado. Formada em Licenciatura em Química, ingressou na atuação como docente em 2016. Tem 42 anos e um filho de 9 anos com necessidades especiais e refere que seu maior desafio foi conciliar o tempo profissional, o tempo de mãe e de estudante: “a maior parte do tempo a gente não consegue ser só mestrando ou só doutorando, a gente acaba sendo outras coisas juntas e muitas vezes as demandas chegam juntas, e você tem que dar conta”.

Força e Vitalidade: São conceitos que se referem a um desejo de viver, de abraçar oportunidades e enfrentar desafios apesar dos obstáculos. A discente escolhida para ser representada por estes conceitos está no terceiro semestre do doutorado e relata já ter experimentado/feito muitas coisas na vida no campo profissional. É formada em comunicação social, fonoaudióloga e, atualmente, produtora cultural no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. A discente relata não ser docente e sim técnica administrativa em educação (TAE) e acredita, junto a instituição em que trabalha, que tanto o técnico quanto o docente são fortes atuantes pela educação. Em uma de suas falas, define sua experiência como discente com uma palavra e uma cor: “Realização - escrita com laranja bem forte, que é a minha cor favorita”. Por conseguinte, aconselha: “Escolha uma coisa que você ama fazer. A gente quer saber, é um assunto que faz brilhar o olho. Não adianta fazer o doutorado ou o mestrado, só por ter que fazer. E resista. Eu acho que é uma palavra interessante. Eu resisti ali naquele primeiro semestre. O que foi? Se é meu lugar, eu quero ir. Então, eu acho que é isso. Se a gente faz alguma coisa que a gente gosta, que a gente está querendo fazer, que desperta o nosso interesse, fica mais fácil também de encontrar motivos para resistir”.

A entrevista semiestruturada contou com as seguintes questões, que foram respondidas pelas discentes em diálogo com a entrevistadora: 1. Qual o motivo que o levou a se inscrever na seleção do PPgECi? Houve mudanças de perspectivas de trabalho durante o curso? 2. Por que você escolheu essa área de pesquisa? Quais são suas principais motivações para se dedicar a essa pesquisa? 3. Sobre a temática de pesquisa atual, explique como se deu o processo de escolha do tema. 4. Quais os maiores desafios encontrados no curso? Quais deles eram esperados por você antes de iniciar esta jornada? 5. Alguma experiência colocou em sua trajetória no curso até o momento? 6. Como você descreveria suas relações pessoais no contexto acadêmico? 7. Existem limitações em sua pesquisa que o fazem se sentir menos potente? 8. Você já experimentou sintomas físicos ou emocionais relacionados nos momentos de escrita da dissertação/tese? 9. Poderia tentar descrever as sensações que observou nestes momentos? 10. Quais emoções mais predominaram durante a escrita da dissertação/tese? 11. Quais momentos em sua pesquisa trouxeram satisfação? O que você acha mais gratificante no processo de pesquisa? 12. Seu modo de fazer pesquisa envolve colaboração com outros pesquisadores ou é predominantemente um trabalho individual? Como isso afeta sua experiência e seus sentimentos em relação à pesquisa? 13. Você sente que tem acesso aos recursos e ao suporte necessários para realizar sua pesquisa da maneira desejada? 14. Descreva os lugares físicos em que realiza as diferentes etapas da pesquisa, incluindo a escrita do trabalho. 15. Como você lida com a pressão e os prazos associados à pesquisa? 16. Você possui uma rede de apoio pessoal ou acadêmico para lidar com os momentos de isolamento? Em que medida essa rede é importante para você? 17. Como você mantém a autodisciplina e a motivação ao trabalhar de forma independente por longos períodos? Quais estratégias você adota para superar os momentos de desânimo? 18. Como você lida com o gerenciamento do tempo durante o processo solitário de pesquisa? Existem desafios específicos que você enfrenta nesse aspecto? 19. Em que medida o processo solitário de pesquisa o ajudou a se conhecer melhor como indivíduo e como pesquisador? Existem lições valiosas que você aprendeu sobre si mesmo durante esse processo? 20. O trabalho de pesquisa muitas vezes envolve longas horas de trabalho? Como você lida com isso? 21. Às vezes, os pesquisadores relatam ter "insights" ou intuições sobre sua pesquisa. Você já teve experiências em que seu corpo lhe deu pistas ou sensações relacionadas à sua pesquisa? 22. Com base em sua experiência, que conselhos você daria a outros alunos de pós-graduação que estão começando sua jornada de pesquisa?

Em suma, através das enunciações advindas das entrevistas, foi possível analisar enunciados emergentes das falas de discentes e nesse sentido problematizar as linhas de subjetivação que as atravessam. Para tanto, destacamos as enunciações para análise e sintetizamos as problematizações em 3 unidades analíticas que compõe os resultados parciais da pesquisa.

4. Resultados e discussões



Para compor a análise inicial dos discursos das entrevistadas, buscamos evidenciar o corpo como espaço de variações de potências, identificando algumas linhas que atravessam esses corpos e seus modos de subjetivação. Dentro do PPgECi, podemos identificar como linhas duras, regras apresentadas aos discentes através de regulamentos que dizem como um pesquisador deve agir dentro da instituição para ser considerado um pesquisador. As regulamentações dão previsibilidade e determinam o que deve ser feito com inflexibilidade e rigidez.

Para exemplificar essa questão, observamos a fala das entrevistadas a respeito dos prazos com artigos científicos e metodologia da pesquisa:

[...] A gente é péssimo na questão de organização e a gente deixa tudo para a última hora, então acaba fazendo tudo sob pressão. Como agora, para domingo, nós temos que entregar dois artigos, um deles está quase finalizado e o outro é assim, não sei como é que eu vou fazer para entregar até domingo, se vou entregar até domingo. Isso acaba me deixando bastante ansiosa. E também quando eu tenho que trabalhar com metodologia. Metodologias me deixam muito ansiosa. Por exemplo, uma tensão muscular, um cansaço físico, arrancar o cabelo (Transvaloração, 2024, informação verbal).

Eu acho que há muita burocracia no sentido de, vai para o comitê de ética, apesar de tanto no TCC quanto na dissertação ter passado pelo comitê de ética. Acho que essa burocracia, ela atrapalha um pouco a gente de desenvolver pesquisa. É necessário, obviamente, a gente precisa cumprir os protocolos, enfim, né? Mas acho que é muita burocracia e que acaba assim, tem que escrever o termo de consentimento livre esclarecido, tem que fazer uma carta de apresentação, [...] (Criatividade, 2024, informação verbal).

As linhas de segmentaridade flexíveis são fluídas e possibilitam percorrer novas direções. São linhas da multiplicidade e diferença, produtoras do que podemos chamar de um funcionamento rizomático, pois possibilitam novas conexões entres os fluxos. Por exemplo: no encontro das discentes com a pesquisa durante as entrevistas, foi possível que ao narrarem sobre suas sensações, pudessem pensar sobre isso, ligar pontos, se atualizar, se construir e desconstruir também. Podemos ver nas narrativas a seguir, que os desconfortos sentidos não necessariamente causam-lhes rupturas em fluxos, nem fixação em outros, mas motivam as discentes a buscarem formas de lidar com o todo, a se mobilizarem:

Acho que esse é um ponto mais forte, aceitar que tá tudo bem, algumas coisas eu vou ter que mudar, apesar de eu chorar muito,

não vai resolver isso. Por que eu recebi um não? Vamos entender o porquê que eu recebi um não, porque daí eu vou melhorar, se eu tiver condições de melhorar. Eu vou persistir até o final (Criatividade, 2024, informação verbal).

Quando a gente volta de eventos, eu volto cansada fisicamente, mas mentalmente estou um turbilhão de ideias e insights e volto renovada para a pesquisa. O evento em si parece que me tira fisicamente, mas de resto ele só acrescenta. Mas sim, eu já fiquei doente, já fiquei gripada de ficar com a imunidade baixa, de ficar estressada, de ficar preocupada. Dor nas costas, de ficar sentada escrevendo. Agora, essa semana que eu trabalhei muito, eu tirei um pedacinho da pele do cotovelo, de ficar com o cotovelo apoiado aqui escrevendo. Pra mim, está sendo incrível, indescritivelmente incrível (Transvaloração, 2024, informação verbal).

É exaustivo porque eu comecei a me cobrar, por que como é que eu não estou conseguindo escrever? Então, eu aprendi a não me cobrar tanto, mas ainda assim essa cobrança vem. Porque eu sei que tenho prazo, prazo que eu me estabeleci, mas é o meu prazo e eu gosto de cumprir. Então, são coisas que às vezes pegam. Então, esse cansaço mental, esse cansaço... Eu vou dizer que emocional, eu não chego a ter cansaço emocional, porque geralmente quando eu produzo, eu... Ai, que bom! É um cansaço, mas estou feliz (Autossuperação, 2024, informação verbal).

Podemos observar que ao serem atravessadas ao que as enquadra ao “rosto ideal”, surgem sintomas, e através destes, “rachaduras” que as fazem desviar, fazerem ajustes. Diferente das linhas de fuga, que propõem uma ruptura total, são as tentativas das discentes de escaparem e romperem com as normas, com aquilo que é imposto para que mudem seus comportamentos e maneiras de pensar, como analisado no trecho a seguir:

Eu vejo todas as dificuldades, elas são externas no momento que eu... O momento em que eu deixo o externo ser interno me incomoda. O externo eu cortei, eu vou embora. No interno eu tento negociar comigo mesma. Na negociação. Então, eu tenho, e fiquei assim depois do doutorado, tá? Depois que eu entrei no doutorado, tive uma dor crônica no ombro esquerdo. Então, se eu tô de bem comigo e agora eu tô de bem, ele tá de bem. Aí, às vezes, a coisa começa a tensionar e ele aguenta, aí eu vou pra massagem” (Força e Vitalidade, 2024, informação verbal).

Eu já estive em processo de terapia antes do mestrado, e continuo durante todo o mestrado em processo de terapia e vejo que isso

fez uma diferença muito grande na minha caminhada, porque várias vezes a minha terapia era sobre as questões do mestrado. Então, talvez, se eu não tivesse esse auxílio de um profissional, e acho que nem todo mundo tem as condições, nem todo mundo tem acesso, então eu também reconheço isso. Nem todo mundo tem vontade também, tem um pouco de tudo. Talvez tenham sido muito mais difíceis os processos. Porque daí esse processo eu acabei tendo alguém para me ajudar a entender essa dinâmica (Autossuperação, 2024, informação verbal).

Para escapar daquilo que a aperta, incomoda, a discente Força e Vitalidade refere “cortar, e ir embora” que remete a um comportamento de resistência e fuga, que permite ou não que no encontro com as exigências externas perpassem para o campo interno, logo, o sintoma, dor crônica no ombro esquerdo, avisa quando “a coisa começa a tensionar” o que a faz pensar. Isso significa que olhar para as sensações que atravessam o corpo com curiosidade e questionamento oferece a possibilidade de pensar a diferença, desviar a rota, algumas vezes romper com o que faz mal e consequentemente, experimentar novas formas de sentir, pensar e/ou existir.

O que difere linhas flexíveis de linhas duras e linhas de fuga é que enquanto as linhas duras tendem a nos fixar, definir/dizer quem somos, no caso das entrevistadas, podemos dizer que são discentes, doutorandas, mestrandas, mulheres, ou seja, títulos que a rompem da multiplicidade. As flexíveis não rompem com as estruturas, mas buscam adaptações e ajustes, como menciona uma discente, e as de fuga rompem com as estruturas em busca de liberdade, evidente no discurso da discente Força e Vitalidade.

É possível perceber ainda em comum nas narrativas o quanto o dispositivo da norma produz tensões, gera preocupações, diversos sentimentos e sensações nos corpos das discentes. Sensações nomeadas por elas como tensão muscular, cansaço físico, o arrancar o cabelo, que serão vistos aqui como um efeito do modo em que seus corpos se conectam, se afetam e reagem em contato com essas linhas de segmentaridade que permeiam o contexto acadêmico.

Para as entrevistadas, cuidar de si adquire diferentes sentidos e formatos, entretanto, mesmo que se diferencia as técnicas, a função é a mesma: de fuga, de escapar às normas que moldam sua forma de se relacionar e pensar o contexto acadêmico. Tais práticas aparecem como atalhos utilizados pelas discentes como forma de escapar a um rosto imposto pela pós-graduação/academia, é o desejo em busca de uma certa liberdade que é regulada e controlada por um regime de poder. Essa busca de transcendência da norma fica evidente nas narrativas das discentes, quando afirmam:

Eu estava fazendo uma revisão biográfica, eram 29 trabalhos, e eu os categorizei em cinco. Eu: “não, eu vou organizar uma categoria e posso sair. Eu vou organizar outra categoria e posso sair.” Porque senão eu fico agitada e eu percebo que eu remo, remo, remo e não

saio do lugar. Não rende. É algo que me ajudou bastante. Eu pratico academia, gosto de me alongar nos intervalos, enquanto estou trabalhando e também gosto de me dar recompensas. Terminei este trabalho, eu enviei?! Então, vou pedir uma coisa bem gostosa para o jantar porque eu mereço, é uma conquista muito grande terminar um trabalho desses, vou me recompensar. Às vezes não é tão grande, né, porque senão a gente come muito, mas... eu acho que é manter o ambiente o mais organizado possível (Transvaloração, 2024, informação verbal).

Eu tiro a gatinha [do colo], dou uma volta, dou uma caminhada pela rua, eu volto. Então, mas eu tentei ter uma mesa bem confortável, ter suporte para os pés, eu sou baixinha, né? Então, economicamente, a minha cadeira é boa também. Então, fui descobrindo coisas que eu sabia que me fariam melhor (Força e Vitalidade, 2024, informação verbal).

Para lidar com a norma, a discente busca se recompensar e validar aquilo que considera uma conquista - o cumprimento das demandas acadêmicas. Quando a discente se recompensa por cumprir suas demandas também reforça o comportamento que deseja ter e repetir. Utiliza como prática de cuidado de si, ir a academia e se alongar nos intervalos. A forma como a discente agencia seu processo de tornar-se, é buscando equilíbrio entre cumprir o que é imposto e praticar atividades que aumentam sua potência.

O cuidado de si, logo, é compreendido como linha de fuga, pois permite às discentes, novas formas de se relacionarem com a experiência e vivência dentro do Programa. No primeiro momento, as discentes olham para si e para as sensações que as atravessam, nomeiam, identificam seus incômodos, e buscam formas de lidar com eles de maneira que as potencializam e as fazem retornar. São estratégias e formas que encontram de conduzir a si mesmas:

Eu acho que pela primeira vez eu consegui ser mais gentil comigo mesma com relação ao que eu faço e me dar conta que aqueles prazos estipulados, aquelas metas, elas são importantes pra gente ter um caminho a seguir, mas que dificilmente a gente vai conseguir chegar naquele ponto exatamente da maneira como a gente projetou, né? Então, de me permitir errar, sabe? (Autossuperação, 2024, informação verbal).

E quando eu não produzo, eu digo assim, ok, fecho a porta, me dou a licença de não fazer e vou adiante. (Autossuperação, 2024, informação verbal).

Querendo ou não, nós temos dois anos, e em dois anos dá para fazer muita coisa, mas também não dá para vacilar, porque passa muito rápido. Tem que saber aproveitar o tempo, se autoconhecer. Acho que se autoconhecer! Para entender o que você consegue em dois anos, no processo de dois anos (Transvaloração, 2024, informação verbal).

Tem dias que eu faço um monte, e tem dias que eu não consigo fazer. Ah, eu não estou conseguindo fazer isso, então vou tentar fazer outra coisa. Então eu estou tentando, apesar desses desafios, tentando remanejar a minha organização, sabe? Para depois não ficar maluca. É quase de um se conscientizar dos seus processos mesmo (Criatividade, 2024, informação verbal).

Entendemos que o mundo funciona como uma arena onde linhas se atravessam e tudo que existe se conecta de alguma forma. Isso significa que, quando pensamos em processos disciplinares, não os dissociamos do sujeito, para agirem sobre as discentes, precisam de aberturas, precisam que as mesmas sejam ativas a estes atravessamentos. Suas resistências, fugas, tensionamentos, práticas de si são fundamentais para a criação de novas formas de pensar a realidade.

O cuidado de si é este movimento de fuga, de olhar para si e mudar a forma com que o sujeito age sobre ele mesmo. É compreender como eu me trato quando algo me aperta. Nesse sentido, cuidar de si envolve experimentar, questionar, criar, buscar novas maneiras de existir dentro de um campo. Nesse sentido, abriremos caminhos para pensar sobre como as práticas de cuidado de si estão presentes nos discursos das discentes e como o uso de tecnologias de si dão possibilidade de expansão e criação, agindo de maneira “aberrante” uma vez que buscam afirmar seus desejos e habitar de diferentes formas um mesmo lugar.

Portanto, os resultados iniciais sugerem três unidades que compõem os modos de subjetivação das discentes inseridas no Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências (PPgECi). A unidade 1 se refere aos elementos que constituem o dispositivo da pós-graduação e controlam certos discursos. Nesta unidade encontramos como linhas, as normas vigentes, os descaminhos e imprevistos no processo de investigação das pesquisas, o discurso da meritocracia, excelência e desempenho; invisibilidade da mulher; ausência de práticas institucionais humanizadas.

Na unidade 2 podemos destacar os sintomas que atravessam o corpo, os efeitos destes elementos nos corpos das discentes, e como o sintoma também produz potência. Nas enunciações as discentes mencionam sintomas ambivalentes: em alguns momentos referem ansiedade, estresse, cansaço mental, em outros, um turbilhão de ideias e insights, sensação de renovação, realização e alegria.



Como unidade 3, mencionamos os modos de subjetivação discente, explorando quais tecnologias de si as discentes usam para negociar com o dispositivo, como as discentes criam atalhos para lidar com as tensões produzidas pelo programa: com reajustes para se enquadrar, resistência a paradigmas, autoconsciência dos próprios processos; práticas como de relaxamento.

5. Considerações finais

Podemos constatar com este recorte da pesquisa o quanto as linhas de segmentaridade duras, identificadas como normas e regulamentações acadêmicas que determinam prazos e como as discentes devem conduzir sua pesquisa, são produtoras de tensões que moldam suas subjetividades, ações e formas de pensar e se relacionar com a pós-graduação. Entretanto, através dessas tensões, é possível que as discentes resistam e busquem formas criativas de vivenciar e lidar com o que as aperta.

Portanto, podemos destacar através das unidades analíticas mencionadas, a presença de linhas de força que tensionam e moldam as subjetividades das discentes no contexto da pós-graduação, que através de elementos controlam os discursos possíveis dentro do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências (PPgECi) e produzem efeitos em seus corpos. Esses efeitos se manifestam como sintomas que remetem que a trajetória acadêmica é produtora de desconfortos, entretanto, também há espaço para potência e realização. Ao mesmo tempo que a pós-graduação é permeada por linhas de força, ela também é produtora de possibilidade de resistência, como cita Foucault: "onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder" (Foucault, 2009, p. 105).

Nesse sentido, como linha de fuga, as discentes buscam práticas que visam minimizar e resistir a estes impactos, como forma de potencializar sua trajetória, evidenciando a trajetória acadêmica como um espaço de luta e criação.

O corpo como uma arena de forças e linhas de atravessamentos, dentro da academia pode ter sua potência aumentada ou diminuída e o que vai influenciar é como as discentes se relacionam com este campo. Como buscam se relacionar consigo mesmas e com as linhas duras, que moldam, enquadram. Portanto, a intenção do artigo foi trazer elementos de uma pesquisa em andamento, oferecendo problematizações sobre a constituição das sujeitas pesquisadoras em Educação em Ciências.



REFERÊNCIAS

AUTOSSUPERAÇÃO. **Entrevista III**. [mar. 2024]. Entrevistadora: Aline da Rosa Kroth. Porto Alegre, 2024. 1 arquivo .mp4 (59 min.). Entrevista concedida ao Projeto: Modos de subjetivação articulados aos modos de produzir ciência pelos discentes do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (PPgECi).

BARREIRO, Mateus Freitas; CARVALHO, Alonso Bezerra; FURLAN, Marta Regina; **A arte e o afeto na inclusão escolar**: potência e o pensamento não representativo; universidade estadual paulista - unesp; universidade estadual de londrina - uel; Brasil, 2018.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário Michel Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CAVALCANTE, Diego Marques. O procedimento da criação: imanência e produção de diferença em Gilles Deleuze e Félix Guattari. **Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência**, Rio de Janeiro, v. 13, nº 3, pp. 81-107, 2020.

CRIATIVIDADE. **Entrevista IV**. [abr. 2024]. Entrevistadora: Aline da Rosa Kroth. Porto Alegre, 2024. 1 arquivo .mp4 (50 min.). Entrevista concedida ao Projeto: Modos de subjetivação articulados aos modos de produzir ciência pelos discentes do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (PPgECi).

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998. 184 p. Disponível em: https://laclifep.unicap.br/wp-content/uploads/2020/10/Deleuze_e_Claire_Parnet_-Dia%CC%81logos-1.pdf. Acesso em: 20 nov. 2025.

FORÇA E VITALIDADE. **Entrevista II**. [mar. 2024]. Entrevistadora: Aline da Rosa Kroth. Porto Alegre, 2024. 1 arquivo .mp4 (55 min.). Entrevista concedida ao Projeto: Modos de subjetivação articulados aos modos de produzir ciência pelos discentes do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (PPgECi).

GALLO, Silvio. Cuidado de si no último Foucault - apresentação Michel Foucault e a construção conceitual do cuidado de si; **Linha Mestra**, v. 13, n. 37, p. 5-12, 2019.

GOMES, Carlysson Alexandre Rangel; SILVA, Aline Kelly; CAVALCANTE, Larissa de Moura; HUNING, Simone Maria. **Diálogos da Psicologia com Michel Foucault**. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.



GUIMARÃES, Ivo Venerotti; RIBEIRO, Viviana. Notas para Pensar o Sujeito: Geografia Humanista com Deleuze e Guattari. **Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies** – XXII (2): 148-155, jul-dez, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 5. ed. Loyola: São Paulo, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

SANTOS, Zamara Araújo. Entre máquinas: a produção maquínica de Deleuze e Guattari. **Revista Trágica: estudos das filosofias da imanência**. Rio de Janeiro, v. 14 n 2 pp. 55-73, 2021.

SILVA, Daniella Thiemy Sada da. **Um estudo sobre enunciados que permeiam a permanência e a não permanência de alunos no curso de Licenciatura em Matemática da UFRGS**. 2020. 225 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) – Instituto de Matemática e Estatística, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/217477>. Acesso em: 24 nov. 2025.

TRANSVALORAÇÃO. **Entrevista I**. [mar. 2024]. Entrevistadora: Aline da Rosa Kroth. Porto Alegre, 2024. 1 arquivo .mp4 (54 min.). Entrevista concedida ao Projeto: Modos de subjetivação articulados aos modos de produzir ciência pelos discentes do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (PPgECi).

Recebido em: 28 de março de 2025.
Aceito em: 26 de novembro de 2025.
Publicado em: 12 de dezembro de 2025.